



CONVERGENTE

Também de Veronica Roth
DIVERGENTE
INSURGENTE

CONVERGENTE

VERONICA ROTH

TRADUÇÃO
Lucas Peterson

ROCCO
JOVENS LEITORES

Título original
ALLEGIANT

Copyright © 2013 by Veronica Roth

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a HarperCollins Children's Books, uma divisão da HarperCollins Publishers

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Preparação de originais
FLORA PINHEIRO

Cip-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Roth, Veronica
R754c Convergente / Veronica Roth; tradução Lucas Peterson. –
Primeira edição. – Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014.
(Divergente; III)

Tradução de: Allegiant
ISBN 978-85-7980-186-0

1. Literatura infantojuvenil americana. I. Peterson, Lucas. II.
Título. III. Série.

13-06686

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Para Jo, que me guia e estabiliza.

*Qualquer pergunta que possa ser respondida deve ser
respondida ou ao menos considerada.*

*Processos ilógicos de pensamento devem ser
desafiados assim que surgem.*

Respostas erradas devem ser corrigidas.

Respostas certas devem ser confirmadas.

— DO MANIFESTO DA ERUDIÇÃO

CAPÍTULO UM

TRIS

CAMINHO DE UM lado para outro dentro de nossa cela na sede da Erudição, e as palavras dela ecoam na minha cabeça: *Meu nome será Edith Prior. E há muitas coisas que ficarei feliz em esquecer.*

– Então, você *nunca* a viu antes? Nem em fotografias? – pergunta Christina, com a perna ferida apoiada em um travesseiro. Ela levou um tiro durante nossa tentativa desesperada de revelar o vídeo de Edith Prior para a nossa cidade. Não tínhamos a menor ideia do que o vídeo diria, nem que ele destruiria as bases de nossa sociedade, as facções, nossas identidades. – Ela é sua avó, sua tia ou algo assim?

– Já disse que não – respondo, dando meia-volta ao alcançar a parede. – Prior é... era... o sobrenome do meu pai, então devia ser alguém do lado dele da família. Mas Edith é um nome da Abnegação, e os parentes do meu pai devem ter sido da Erudição, portanto...

– Portanto, ela deve ser mais antiga – conclui Cara, apoiando a cabeça na parede. Desse ângulo ela fica muito parecida com o irmão, Will, meu amigo, em quem atirei. Depois ela endireita o corpo, e o fantasma dele desaparece. – De algumas gerações atrás. Uma ancestral.

– Ancestral. – A palavra soa antiga. Eu me encosto em uma das paredes da cela ao me virar outra vez. O painel é frio e branco.

Minha ancestral, e esta é a herança que ela me deixou: a libertação das facções e a compreensão de que a minha identidade Divergente é mais importante do que eu imaginava. Minha existência é um sinal de que devemos deixar a cidade e oferecer nossa ajuda a quem quer que esteja fora dela.

– Eu quero saber – diz Cara, esfregando o rosto. – Preciso saber há quanto tempo estamos aqui. Será que você podia parar de andar de um lado para outro por pelo menos *um minuto*?

Paro no meio da cela e levanto as sobranceiras.

– Desculpe – murmura ela.

– Tudo bem – diz Christina. – Estamos aqui há tempo demais.

Há dias Evelyn controlou o caos no saguão da sede da Erudição com alguns comandos curtos e ordenou que todos os prisioneiros fossem levados para celas no terceiro andar. Uma mulher sem-facção veio cuidar dos nossos ferimentos e distribuir analgésicos, mas ninguém nos disse o que está acontecendo do lado de fora. Mesmo depois que insisti muito.

– Tobias já deveria ter chegado – digo, desabando sobre a beirada do meu catre. – Cadê ele?

– Talvez ainda esteja com raiva porque você mentiu e o traiu ao trabalhar com o pai dele – fala Cara.

Eu a encaro.

– Quatro não seria tão mesquinho – sugere Christina, não sei se para calá-la ou para me tranquilizar. – Se ainda não voltou, é porque deve ter acontecido alguma coisa. Ele disse para você confiar nele.

Em meio ao caos, enquanto todos gritavam e os sem-facção tentavam nos empurrar em direção à escada, agarrei a bainha da camisa dele para que não fôssemos separados. Ele segurou meu pulso e me empurrou para longe, e estas foram as palavras que me disse: *Confie em mim. Vá aonde eles mandarem.*

– Estou tentando – respondo para Christina, e é verdade. Estou tentando confiar nele. Mas cada pedaço de mim, cada fibra e cada nervo, anseia para se ver livre, não apenas desta cela, mas da prisão da cidade ao redor.

Preciso ver o que há do lado de fora da cerca.

CAPÍTULO DOIS

TOBIAS

NÃO CONSIGO CAMINHAR por estes corredores sem me lembrar dos dias que passei como prisioneiro aqui, descalço, a dor pulsando dentro de mim a cada vez que me movia. E, junto com essa memória, vem outra, de quando esperei Beatrice Prior seguir para a morte, de meus punhos cerrados batendo na porta, de seu corpo inerte nos braços de Peter quando ele me disse que ela fora apenas drogada.

Odeio este lugar.

Não está mais tão limpo quanto antes, quando era o complexo da Erudição; agora, está destruído pela guerra, com marcas de tiros nas paredes, vidros quebrados e lâmpadas estilhaçadas por todos os cantos. Caminho sobre pegadas sujas e sob luzes tremeluzentes até a cela dela e ganho permissão para entrar sem qualquer questionamento, porque carrego o símbolo dos sem-facção,

um círculo vazio em uma tira preta ao redor do braço, e as feições de Evelyn em meu rosto. Tobias Eaton costumava ser um nome vergonhoso, mas agora é um título poderoso.

Tris está agachada no chão, dentro da cela, ao lado de Christina e em uma posição diagonal em relação a Cara. Minha Tris deveria parecer pálida e pequena, porque ela é, afinal, pálida e pequena, mas parece preencher toda a cela.

Seus olhos redondos encontram os meus, e ela se levanta, abraçando a minha cintura com força e apoiando o rosto no meu peito.

Aperto seu ombro com uma das mãos e corro a outra pelos seus cabelos, ainda estranhando o fato de seu cabelo só ir até o pescoço. Fiquei feliz quando ela o cortou, porque aquele era o corte de uma guerreira, e não de uma garota, e eu sabia que era disso que ela precisaria.

– Como você conseguiu entrar? – pergunta ela em uma voz baixa mas clara.

– Sou Tobias Eaton – respondo, e ela ri.

– Certo. Sempre me esqueço. – Ela se afasta apenas o suficiente para olhar para mim. Há uma expressão vacilante em seus olhos, como se ela fosse uma pilha de folhas prestes a serem espalhadas pelo vento. – O que está acontecendo? Por que você demorou tanto?

Ela soa desesperada, suplicante. Este lugar traz lembranças horríveis para mim, mas para ela é ainda pior. A caminhada até a sua execução, a traição do irmão, o soro do medo. Preciso tirá-la daqui.

Cara olha para nós, interessada. Sinto um certo desconforto, como se minha pele não me servisse mais. Odeio ser observado.

– Evelyn bloqueou toda a cidade – conto a elas. – Ninguém pode dar um passo sem a autorização dela. Há alguns dias, ela fez um discurso, afirmando que deveríamos nos unir contra nossos opressores, as pessoas do lado de fora.

– Opressores? – indaga Christina. Ela retira um frasco do bolso e derrama o conteúdo na boca. Imagino que sejam analgésicos para a ferida em sua perna.

Enfio as mãos nos bolsos.

– Evelyn, e muitas outras pessoas, na verdade, acreditam que não deveríamos deixar a cidade apenas para ajudar um monte de gente que nos enfiou aqui só para nos usar depois. Eles querem tentar recuperar a cidade e resolver nossos próprios problemas, e não sair e resolver os problemas dos outros. É claro que estou apenas parafraseando – digo. – Acho que essa opinião é muito conveniente para a minha mãe, porque, enquanto continuarmos presos aqui, ela estará no comando. Se sairmos da cidade, ela perderá imediatamente o controle sobre nós.

– Ótimo. – Tris revira os olhos. – É claro que ela escolheria a opção mais egoísta de todas.

– Mas até que faz sentido. – Christina segura com firmeza o frasco em suas mãos. – Não estou dizendo que não quero sair da cidade e ver o que existe lá fora, mas já temos problemas suficientes aqui. Como vamos ajudar um bando de gente que nem conhecemos?

Tris reflete sobre o problema, mordendo a parte de dentro da bochecha.

– Não sei – admite.

Meu relógio indica que são três horas. Estou aqui há tempo demais. Tempo o bastante para levantar a suspeita de Evelyn. Eu disse a ela que viria aqui para romper meu relacionamento com Tris, e que não demoraria muito. Não sei se ela acreditou.

– Ouçam, eu vim aqui principalmente para alertá-las – digo. – Eles estão começando os julgamentos de todos os prisioneiros. Vão injetar o soro da verdade em todas vocês, e, se ele funcionar, serão condenadas como traidoras. Acho que todos nós queremos evitar isso.

– Condenadas como *traidoras*? – pergunta Tris, indignada. – Como revelar a verdade para toda a cidade pode ser considerado um ato de traição?

– Foi um ato de desacato aos seus líderes – respondo. – Evelyn e seus seguidores não querem deixar a cidade. Eles não vão agradecer a vocês por terem mostrado aquele vídeo.

– Eles são iguais a Jeanine! – Ela faz um gesto de raiva, como se quisesse bater em alguma coisa, mas percebesse que não há nada em que bater. – Estão dispostos a fazer qualquer coisa para abafar a verdade, e para quê? Para serem reis de seu pequeno mundinho? É ridículo.

Não quero admitir, mas, de certa maneira, concordo com minha mãe. Não devo nada às pessoas de fora desta cidade, mesmo sendo Divergente. Não sei bem se quero me oferecer a elas para solucionar os problemas da humanidade, seja lá o que isso signifique.

Mas realmente quero ir embora, da mesma maneira desesperada que um animal quer escapar de uma armadilha. Selvagem e raivoso. Disposto a tudo.

– Seja como for – digo com cuidado –, se o soro da verdade surtir efeito, você será condenada.

– Se surtir efeito? – pergunta Cara, desconfiada.

– Divergente – explica Tris, apontando para a própria cabeça. – Lembra?

– Fascinante. – Cara rearruma o coque improvisado, prendendo de volta uma mecha rebelde de cabelo. – Mas atípico. Segundo a minha experiência, a maioria dos Divergentes não consegue resistir ao soro da verdade. Por que será que você consegue?

– É o que você e todos os membros da Erudição que já me aplicaram uma injeção gostariam de saber – responde Tris, irritada.

– Que tal nos concentrarmos? Quero evitar ter de ajudá-las a fugir da prisão – digo. De repente, sinto-me desesperado por um pouco de conforto. Estendo a mão na direção de Tris, e seus dedos vêm ao encontro dos meus. Não somos do tipo que faz contato físico à toa; cada contato entre nós parece importante, uma onda de energia e alívio.

– Tudo bem, tudo bem – diz ela, com mais suavidade. – Qual é o seu plano?

– Vou convencer Evelyn a deixar que você seja a primeira das três a testemunhar – digo. – Tudo o que você precisa fazer é bolar uma mentira que inocente Christina e Cara e contá-la sob o efeito do soro da verdade.

– Que tipo de mentira faria isso?

– Achei melhor deixar você se encarregar dessa parte.

Já que você mente melhor.

Ao falar isso, sei que minhas palavras tocam um ponto delicado entre nós. Tris mentiu para mim tantas vezes. Ela me prometeu que não se ofereceria para morrer no complexo da Erudição quando Jeanine exigiu o sacrifício de um Divergente, mas se ofereceu mesmo assim. Disse que ficaria em casa durante o ataque da Erudição, e depois a encontrei na sede da Erudição, trabalhando com meu pai. Entendo por que ela fez todas essas coisas, mas isso não significa que elas não nos afetaram.

– É. – Tris encara os próprios sapatos. – Está bem, vou pensar em alguma coisa.

Apoio a mão em seu braço.

– Vou conversar com Evelyn sobre seu julgamento. Vou tentar adiantá-lo.

– Obrigada.

Sinto o ímpeto, já familiar, de saltar para fora do meu corpo e conversar diretamente com a mente dela. Percebo que é o mesmo ímpeto que me faz querer beijá-la toda vez que a vejo, porque a menor distância entre nós já me incomoda. Nossos dedos, que estavam entrelaçados com folga há alguns instantes, agora estão agarrados uns aos outros. A palma da sua mão está úmida, e a minha é áspera em alguns lugares, onde agarrei muitas barras de trens em movimento. Agora, ela parece pálida e pequena, mas seus olhos me fazem pensar em céus abertos que nunca vi de verdade, apenas vislumbrei em sonhos.

— Se vocês forem se beijar, por favor me avisem para que eu não olhe — pede Christina.

— É o que vamos fazer — diz Tris, e é o que fazemos.

Encosto em sua bochecha a fim de prolongar o beijo, segurando sua boca junto à minha, para que eu possa sentir todas as partes onde nossos lábios se encostam e todas as partes onde se afastam. Saboreio o ar que compartilhamos no segundo seguinte, e a maneira como seu nariz roça o meu. Penso em algo que quero dizer, mas é íntimo demais, então engulo as palavras. Um instante depois, decido que não me importo.

— Queria que estivéssemos sozinhos — digo ao dar um passo atrás para sair da cela.

Ela sorri.

— Eu quase sempre quero isso.

Ao fechar a porta, vejo Christina fingir que está vomitando, Cara rir e Tris com as mãos pendendo ao lado do corpo.